

SER VALADARENSE: A CONQUISTA DE NOVA POSIÇÃO NO ESPAÇO SOCIAL E A “(RE)TERRITORIALIZAÇÃO” NA ORIGEM

Weber Soares*

Introdução

O presente texto, além de ser construído para sistematizar os dados resultantes de duas pesquisas empíricas, motivadas pelo esforço de compreender a articulação entre dois processos distintos na cidade de Governador Valadares: a emigração de valadarenses para outros países e a dinâmica de compra e venda de imóveis, tem por objetivo central vazar a configuração imediata que esses dados sugerem: o ato de enquadrar os investimentos, praticado por um expressivo grupo de emigrantes no mercado imobiliário valadarense, no âmbito das relações estritamente econômicas.

Ao evidenciar o volume e a espacialização dos investimentos feitos em Valadares, dando, conseqüentemente, visibilidade à nova posição que o emigrante passa a ocupar no espaço social valadarense - a de “investidor” -, o que se pretende é avançar para além dos aspectos puramente econômicos que essa posição insinua.

Logo, está em pauta não o fato de o emigrante valadarense encontrar-se dividido entre a imagem passada que tem de si mesmo, aquela que foi moldada no lugar de origem, e os valores culturais vinculados às redes sociais de destino, mas sim os sinais que indiquem resistência ao processo de fragmentação a que está exposto, que mostrem o sentido de grupo distinto, nas-

cido das representações oriundas daquele espaço em que a existência está repleta de densidade.

Para dar conta da forma como essa tematização foi constituída optou-se por fazer, inicialmente, algumas considerações sobre o comportamento da economia valadarense a partir da década de 60.

A seguir, tendo por base o conjunto de dados referentes ao fluxo migratório de valadarenses para países estrangeiros e à dinâmica imobiliária, buscou-se quantificar aquele fluxo, sua frequência no tempo e direção (países de destino); depois traçou-se o perfil do emigrante e sua participação no mercado de compra e venda de imóveis urbanos em Valadares.

Para discorrer, mesmo que de forma esquemática, sobre os vínculos afetivos com o lugar de origem, indicadores do sentido de grupo, recorreu-se às formulações teóricas desenvolvidas por alguns autores, fundamentalmente, Pierre Bourdieu, que, em larga medida, nortearam toda a argumentação aqui presente.

À luz dessas formulações teóricas, empreendeu-se, ao final do texto, uma reflexão que gravita em torno das implicações subjacentes aos investimentos no mercado de compra e venda de imóveis urbanos em Valadares, realizados por substancial parcela dos emigrantes, no entendimento do que significa ser valadarense.

Valadares: economia em crise e os fluxos migratórios

O município de Governador Valadares, criado em 31/12/1937, situa-se no leste mineiro e abriga, de acordo com o Censo de 1991, uma população de 230.524 habitantes; já sua sede, localizada a 303Km da capital do estado, comporta uma população de 210.396 habitantes.

Na década de 60 a fragilidade de sua economia, fundada até então no extrativismo mineral e vegetal, adquire contornos bem nítidos. A crise da mica causada pela obstrução do mercado de exportação e o esgotamento das reservas florestais, ocasionando o fechamento de várias serrarias, bem como a mudança de diversas fábricas que industrializavam a madeira, davam um golpe profundo na economia do município.

O desenvolvimento da pecuária de corte e leite, ocupando o lugar de atividade econômica mais importante no município, mostrou-se incapaz de absorver a mão-de-obra desligada das atividades produtivas relacionadas ao ciclo extrativista.

“Ao final dos anos 70, Governador Valadares e a região polarizada pela cidade já eram consideradas zonas-problema de Minas Gerais, bolsões evidentes de pobreza e tensão social”¹; apenas o setor

terciário se vê fornecido pelo aumento da comercialização do gado e das pedras preciosas.

No início dos anos 80, de acordo com estudo elaborado pela Fundação João Pinheiro, o setor terciário já encontrava-se saturado para a demanda regional; ou seja, "... o comércio e a prestação de serviços em Governador Valadares já teriam se expandido até os limites das necessidades de atendimento da sua região de influência, não podendo, por isso, alimentar um novo ciclo expansivo."²

Em paralelo, nota-se que, em Valadares, o dinamismo econômico das décadas de 50 e 60, alimentado por seus centros populadores (madeira, mica e pecuária), responde, em grande parte, pela manutenção de um contínuo fluxo de imigrantes, atraídos pelos sonhos de enriquecimento e de prosperidade que emanavam da região.

Mesmo ao final dos anos 70, vivendo um quadro de relativa estagnação econômica e de desaceleração abrupta das taxas de crescimento médio anual da população (13% nos anos 60 e 3% nos anos 80)³, os fluxos migratórios para Valadares mantêm-se positivos, mas sofrem alteração significativa, ou seja, o município já apresentava em 1980, características de centro expulsor, onde "... os elevados índices de subutilização de mão-de-obra ... geravam a emigração em busca de emprego no Vale do Aço e até em Belo Horizonte."⁴

Entretanto, essa emigração não se faz só internamente, no âmbito do território brasileiro, ela rompe as fronteiras nacionais. Suas características principais, expostas a seguir, têm por base pesquisa de campo, realizada em janeiro de 94 junto a 623 domicílios na sede do município de Governador Valadares.

A emigração de valadarenses para outros países

O número de emigrantes valadarenses que se encaminharam para outros países, de todas as idades, é da ordem de 33.468; o que representa, tendo por base o Censo de 1991, 15,9% da população encontrada na sede municipal e 14,5% da população do município. Esses percentuais são expressivos, mas ficam aquém das quantificações

veiculadas pela imprensa.

Pela **tabela 1** percebe-se que a emigração de valadarenses para outros países, com idade superior ou igual a 16 anos (menor idade com que os emigrantes investiram no mercado), tem início nos anos 60, sofrendo um aumento expressivo na primeira metade da década de 80. Só na segunda metade dessa década estão concentrados 43,6% do total de valadarenses que emigraram. Esse fato, se correlacionado aos aspectos recessivos que marcaram a economia brasileira dos anos 80, e muito mais a economia valadarense, aponta para uma das causas da evasão dessa força de trabalho.

Desse total de 27.210 emigrantes com idade superior ou igual a 16 anos, 82% escolheram como país de destino os EUA; em segundo lugar vem o Canadá, enquan-

to os outros países de destino tiveram participação pouco expressiva no âmbito da escolha dos emigrantes.

Além disso, pelo exposto na **tabela 2** conclui-se que 30% dos emigrantes valadarenses assumiram a condição de definitivos enquanto, somados os percentuais relativos aos pendulares, aos temporários e aos retornados, pode-se dizer que 49,0% deles não se integraram definitivamente ao contexto das relações sociais de adoção. E mais, pendulares e temporários juntos (34%), expressam a condição do emigrante que alimenta a possibilidade de retorno, num futuro próximo, às relações sociais de origem, "... que se considera fora do seu lugar, fora de 'suas' relações sociais, e que, no limite, não se considera dentro mesmo quando está."⁵

TABELA 1		
Distribuição absoluta e percentual dos emigrantes valadarenses de acordo com o período em que se deu a primeira experiência migratória para outros países		
PERÍODO	ABSOLUTA	PERCENTUAL (%)
De 1960 a menos 1970	462	1,7
De 1970 a menos 1975	1.007	3,7
De 1975 a menos 1980	816	3,0
De 1980 a menos 1985	4.082	15,0
De 1985 a menos 1990	11.864	43,6
De 1990 a menos 1994	5.360	19,7
Período ignorado	1.714	6,3
Não forneceu informação	1.905	7,0
TOTAL	27.210	100,0

Fonte: Pesquisa sobre a emigração de valadarenses para outros países e impactos no mercado imobiliário, 1994.

TABELA 2		
Distribuição absoluta e percentual dos emigrantes valadarenses de acordo com a condição migratória		
CONDIÇÃO	ABSOLUTA	PERCENTUAL (%)
Pendulares	1.714	6,3
Temporários	7.537	27,7
Definitivos	8.163	30,0
Retornados	4.082	15,0
Outra	544	2,0
Condição ignorada	3.265	12,0
Não forneceu informação	1.905	7,0
TOTAL	27.210	100,0

Fonte: Pesquisa sobre a emigração de valadarenses para outros países e impactos no mercado imobiliário, 1994.

Tendo tratado os aspectos quantitativos do fenômeno migratório, faz-se necessário caracterizar a posição ocupada, no campo social, pelo emigrante valadarense antes da partida.

Enquanto 62,6% dos emigrantes situam-se entre 16 e 40 anos inclusive, apenas 35,9% da população residente em Valadares enquadra-se nessa faixa etária, revelando evasão expressiva da força de trabalho em idade mais produtiva.

No que tange à escolaridade, é significativo o percentual dos emigrantes que cursaram o período compreendido entre o início do ginásio e o término do segundo grau (51%), ao passo que para a população residente o percentual é da ordem de 39,4%. Se tomados os percentuais para os emigrantes e para os residentes que concluíram o segundo grau, encontramos 20,9% e 7,6% respectivamente, o que indica um nível ainda maior de escolaridade para os primeiros.

Parece razoável afirmar, a partir desses dados, que migram os mais aptos e que essa emigração responde, tendo em conta o quadro de relativa estagnação por que passa a economia valadarense, aos fatores negativos prevaletentes no local de origem. Noutros termos, tem-se uma seleção negativa dos emigrantes pautada pela expectativa de melhorias das condições de vida.

Esse abandono de um sistema econômico local pouco produtivo, sinalizando vontade de mudança de posição no espaço social, fica mais evidente ainda se considerarmos que 69,6% dos emigrantes trabalhavam antes de emigrar. Enfim, certas necessidades de consumo socialmente definidas, em muitos casos para atender à lógica de intensificação das relações capitalistas, não podiam ser supridas por uma economia urbana em que 46,5% dos emigrantes percebiam, antes da partida, menos de 5 (cinco) salários mínimos.

Se era essa a remuneração, na origem, de grande parte da força de trabalho que migrou, nos locais de destino, Canadá por exemplo, os emigrantes brasileiros do sexo masculino faturam no "mínimo" 1.000 dólares por mês; enquanto 42,0% deles ganham, nos EUA, entre 500 a 1.000 dólares por mês⁶. O que mostra, por baixo, uma remuneração quatro vezes maior do

que a recebida em Valadares.

Ocupando, nos países de destino, vazios deixados no mercado de trabalho secundário - "... aquele que comporta os empregos que requerem pequeno ou nenhum treino, mais baixa escala de salários, oferecem pouca ou quase nenhuma oportunidade de mobilidade e são caracterizados pelo rápido turnover (alta rotatividade)"⁷, o emigrante vê sua renda aumentar, capacitando-o a tornar-se demanda solvável de bens de consumo duráveis no local de origem; enfim, ele está pronto para articular-se, para inserir-se num patamar de consumo, cujos bens, estavam longe de ser adquiridos com os rendimentos obtidos no Brasil.

Os investimentos no mercado imobiliário valadarense

Os emigrantes valadarenses mantêm estreita relação com a terra de origem; relação que, numa de suas dimensões empíricas, se manifesta pelo contínuo fluxo de moeda estrangeira (dólar) que chega até à cidade. Conceber que o procedimento dos 62,7% de emigrantes que remeteram algum dinheiro para Valadares é apenas resultado de sua racionalidade econômica, não parece razoável.

Tomando como centro de atenção só os investimentos realizados no mercado imobiliário, ou melhor, a quantidade de terrenos, de casas, de apartamentos e de comércios adquirida, no período de 1984 a 1993, por 38,0% dos emigrantes com idade superior ou igual a 16 anos, percebe-se pela **tabela 3** que esses objetos imobiliários

juntos totalizam 6.892 unidades. Constatase, também, uma clara preferência pelos imóveis residenciais, uma vez que somados, casas e apartamentos, representam 59,2% das preferências.

Além disso, dos 33,6% de emigrantes que investiram no mercado imobiliário valadarense, percentual relativo àqueles emigrantes para os quais foi possível controlar o local de domicílio (bairro) antes da partida e o local escolhido (bairro) para investir, 68,0% deles optaram por aplicar os recursos monetários, adquiridos no estrangeiro, nos mesmos bairros em que residiam antes de emigrar.

Em suma, com base na contagem seletiva, por objeto imobiliário, das guias de ITBI (Imposto de Transmissão de Bens Imóveis), é possível afirmar que os emigrantes foram responsáveis por 46,7% de todas as transações imobiliárias ocorridas entre os anos de 1984 e 1993 inclusive. Fato que dimensiona a importância desses investimentos para a economia valadarense, permitindo inferir que o dinamismo do mercado de compra e venda de imóveis urbanos, em Valadares, está intimamente ligado à emigração expressiva de parcela da força de trabalho local, ou melhor, aos investimentos, em moeda estrangeira, realizados pelos emigrantes.

O mundo social, o amor à terra natal e a (re)territorialização no local de origem

Entretanto, é preciso ir além da configuração imediata que os fatos sugerem: a

TABELA 3

Distribuição absoluta e percentual dos imóveis comprados, por tipo, pelos emigrantes em Valadares

OBJETO	Abs .	%
Terrenos	2.540	36,8
Casas	2.992	43,4
Apartamentos	1.088	15,8
Comércios	272	4,0
TOTAL	6.892	100,0

Fonte: Pesquisa sobre a emigração de valadarenses para outros países e impactos no mercado imobiliário, 1994.

articulação entre o mercado imobiliário e a emigração de valadarenses para outros países.

Argumenta Bourdieu que o mundo social pode ser representado na forma de um espaço (de várias dimensões), construído na base de princípios de diferenciação resultantes das propriedades atuantes (diferentes espécies de poder ou capital), apropriadas a conferir aos seus detentores força e poder no universo social. Isso significa dizer que nesse espaço (campo social) os agentes distribuem-se de acordo com o volume de capital que possuem e segundo o peso relativo das diferentes espécies de capital no conjunto de suas posses, ou melhor, no volume total de seu capital.⁸

Assim, a posição dos agentes sociais no campo social pode ser identificada pelo conjunto das distribuições das diferentes espécies de capital que funciona como instrumento "... de apropriação do produto objetivado do trabalho social acumulado."⁹ Logo, se a posse de um conjunto de bens pelos agentes sociais expressam, empiricamente, as coordenadas da região que ocupam no espaço social, uma alteração no conjunto dessas posses, para mais ou para menos, indica "mudança" de posição nesse mesmo campo.

À luz dos dados que indicam os rendimentos dos emigrantes valadarenses antes de sair para trabalhar em outros países, rendimentos esses insuficientes para constituir demanda solvável da mercadoria cara que é o imóvel urbano, aliados às informações que revelam o volume dos imóveis adquiridos com moeda estrangeira após a emigração, é possível identificar a nova posição ocupada pelo emigrante no campo social de origem: eles passam à condição de investidores.

A predominância da mercadoria imóvel, como objeto de investimento, para mais da metade dos emigrantes que remetem moeda estrangeira para Valadares, indica que "... o conjunto de agentes que ocupam posições semelhantes e (estão) sujeitos a condicionamentos semelhantes, tem com toda a probabilidade, atitudes e interesses semelhantes, logo, práticas e tomadas de posição semelhante."¹⁰ Semelhanças de interesses que estão presentes no expressivo percentual daqueles que investem nos mesmos bairros em que se

encontravam domiciliados antes de emigrar.

Em princípio não é possível entender, se avaliada de acordo com a lógica econômica em sentido restrito (investimentos orientados para maximização da utilidade nos mais diferentes mercados), a conduta dos emigrantes no que tange aos investimentos realizados no mercado imobiliário valadarense: volume e bairros preferenciais. Nesse caso o cálculo econômico não está totalmente subordinado aos fins propriamente econômicos da manipulação do lucro. Está presente, nessa conduta, um sentimento "... que escapa ao axioma 'negócio é negócio' ou 'negócio, negócio; amigos à parte' "¹¹ e ao qual daremos o nome, recorrendo a neologismo sugerido por Tuan, de topofilia.

O lugar de origem está enraizado na existência de qualquer indivíduo, ou melhor, a vivência do espaço é requisito da experiência individual. O espaço vivido significa um transbordamento dos próprios limites do corpo pela necessidade da vida no espaço, cuja vivência, exercida por meio de categorias de saber cotidiano, permite apreendê-lo como próprio. É o lugar onde vemos as coisas pela claridade que as rege; onde nos relacionamos com elas reconhecendo-as em nós. É o lugar onde nos reconhecemos e onde este mesmo eu pode continuar existindo de forma individualizada; onde, pelo menos aparentemente, a homogeneização, promovida pela lógica do capital, não acontece; onde nos relacionamos com os outros a partir do que nos é comum.

Distanciar-se do lugar de origem significa ruptura espacial com um cotidiano familiar, é começo do desenraizamento com a pequena parte do mundo que nos é própria, pois "... uma pessoa no transcurso do tempo, investe parte de sua vida emocional em seu lar e além do lar em seu bairro... (em sua cidade e sair desse contexto)... é ser despedido de um invólucro, que devido à sua familiaridade protege o ser humano das perplexidades do mundo exterior."¹²

Ao processo de desenraizamento a que estão submetidos os emigrantes contra-põem-se formas de amortecimento, de resistência, de condensação da subjetividade, que se manifestam, no caso valadarense, por meio da compra, da apropriação de

territórios vividos na origem, de espaços, que num limite, representam o refúgio/resgate do eu.

Logo, as rotinas cotidianas vivenciadas na origem, estruturadoras da subjetividade valadarense, do processo de identificação com os espaços singulares de vida, passam a ser, quando os emigrantes estão expostos a alteridades diferentes daquelas das redes sociais a que pertenciam, objeto de um resgate possível no futuro.

A espacialização dos laços afetivos em relação a terra de origem (locus de reminiscências), viabilizada pela nova posição que o emigrante passa a ocupar no espaço social valadarense, é percebida pelo expressivo aumento no volume de compra e venda de imóveis urbanos, em Valadares, a partir de meados da década de 80, ou seja, à desterritorialização provocada pelo fluxo migratório opõe-se um movimento de resistência, a (re)territorialização, a busca de territórios existenciais por meio do mercado imobiliário.

Conclusão

O conjunto de dados apresentados inicialmente possibilitou a construção de um campo específico de afirmações sobre o comportamento que um percentual expressivo de emigrantes valadarenses assumiu após ter emigrado.

Em primeiro lugar, argumentou-se que, num contexto espacial (Governador Valadares) marcado pela fragilidade de sua economia, o dinamismo do mercado de compra e venda de imóveis residenciais e terrenos urbanos, iniciado em meados da década de 80, não podia ser explicado sem o volume de investimentos realizados, em moeda estrangeira (dólares), por grande parcela da força de trabalho valadarense que emigrou para outros países.

A concretude - materialidade física - desse comportamento: o conjunto dos elementos materiais (terrenos, casas, apartamentos e comércios) apropriados pelos emigrantes, sinaliza a mudança de posição, no campo social valadarense, por que passaram esses emigrantes. Enfim, o resultado dessa prática econômica é a ocupação de novo lugar no espaço social; lugar que implica um modelo postural (forma de comportamento) correspondente ao de "investidor" na terra de origem.

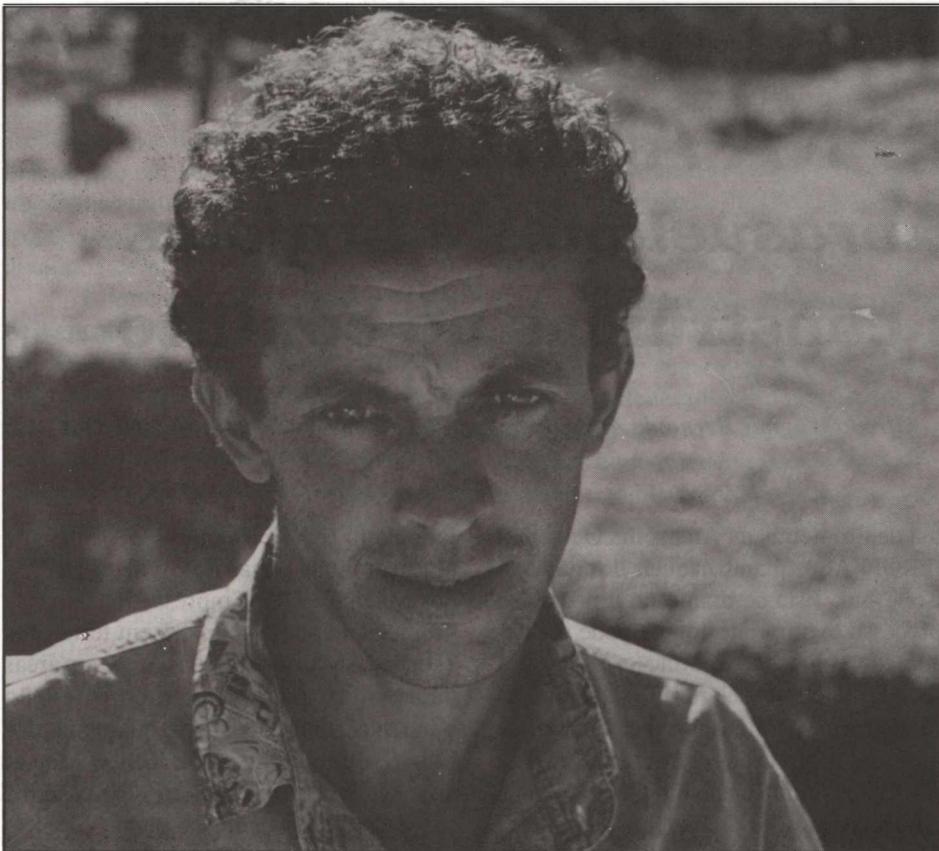


Foto: Pedrão

Mas para ocupar posição de “investidor” no espaço social de origem o emigrante precisou percorrer uma longa trajetória no espaço geográfico; precisou romper as fronteiras do território nacional e pôr-se em contato com uma rede de relações sociais que não eram as suas; sujeitar-se ao processo de desenraizamento/desterritorialização causado pela emigração.

Apesar de os investimentos no mercado imobiliário revelarem elementos de uma racionalidade econômica por parte dos agentes sociais (emigrantes/investidores), o volume e os lugares (cidades e bairros) escolhidos para investir apontam algo mais. Parece razoável entender que essas escolhas não foram determinadas, exclusivamente, por singulares arranjos econômicos, mas que o espaço vivido na origem, território da existência, tem um peso na direção tomada pelos investimentos.

Portanto, a ação de tomar posse de lugar/espaço vivido, enraizado pela experiência de corpo no local de origem, feito por mais da metade dos emigrantes que

investiram no mercado imobiliário valadarense, revela também a presença de laços afetivos, a articulação de uma ordem de subjetivação individual, o movimento de reconhecer a si mesmo na pequena parte do mundo em que o sentimento de “ser parte de” ganha consistência.

Tal argumento reconhece que um grupo social não tem existência em si mesmo, ele “é” no e por meio do espaço (e do tempo). Logo, o espaço (bem como o tempo) é constitutivo do ser social; e se assim é, as relações estabelecidas por um grupo com um determinado lugar, devem, em princípio, fornecer indícios das peculiaridades que esse ser apresenta.

Assim, a articulação desse conjunto de afirmações insinua que ser valadarense, para um significativo percentual dos emigrantes, significa percorrer duas trajetórias: uma no espaço geográfico e outra no espaço social. A primeira fornece as condições para a segunda que se revela pelas posses (terrenos, casas, apartamentos e comércio) no local de origem. Posses que, no entanto, representam, além da

racionalidade econômica, uma forma de resistência ao processo de desenraizamento causado pela primeira.

Enfim, ser valadarense é colocar-se em marcha no espaço geográfico; é cruzar as fronteiras nacionais carregando a sombra do lugar de origem; é ver os laços afetivos com esse lugar adquirindo proporções cada vez maiores e buscar os meios de contrapor-se ao processo de desenraizamento a que está submetido nas relações sociais de destino; é alimentar a perspectiva da volta num patamar em que o enraizamento na origem possa se dar de forma mais concreta. Ser valadarense é integrar-se à força de trabalho do mercado secundário, em países estrangeiros, no intuito de conseguir os recursos necessários para investir na compra de imóveis urbanos em Valadares, no pedaço de chão onde sua existência enquanto parte de um grupo social específico possa adquirir a dimensão de continuidade, ou seja, é investir nos vínculos territoriais constitutivos do ser, nas reminiscências do passado vivido na origem. Numa palavra, é buscar a condição de presença, pois, o emigrante valadarense, é aquele que saiu sem ter saído.

* Weber Soares é mestrando em Planejamento Urbano e Regional - IPPUR/UFRJ.

NOTAS

1. COSTA, Sérgio. Política para quem precisa de política: movimentos sociais urbanos, participação e democracia. Belo Horizonte: UFMG, 1991, p.21 (Tese, Mestrado em Sociologia)
2. *Ibidem*. p. 25.
3. *Ibidem*. p. 24.
4. *Ibidem*. p. 26.
5. MARTINS, José de Souza. Não há terras para plantar neste verão: o cerco das terras indígenas e das terras de trabalho no renascimento político do campo. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986, p. 50.
6. GOZA, Franklin. A Imigração brasileira na América do Norte. *Revista Brasileira de População*, Campinas, v.9, nº 1, p. 76, jan-jul/1992.
7. SALES, Teresa. Imigrantes estrangeiros, imigrantes brasileiros: uma revisão bibliográfica e algumas anotações para pesquisa. *Revista Brasileira de População*, Campinas, v. 9, nº 1, p. 55, jan-jul/1992.
8. BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil S. A., 1989, p. 133.
9. *Ibidem*. p. 135.
10. *Ibidem*. p. 136.
11. BOURDIEU, Pierre. Coisas ditas. São Paulo: Brasiliense, 1990, p. 133.
12. TUAN, Yu-fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980, p. 114.